



*Por uma cultura de paz*

## **130. RedeUnaViva: Meditação Cristã 130 – paragem 235 – 12.03.2017**

JOÃO 7:11-13; LUCAS 9: 52-56

### **DIFICULDADES A CAMINHO DE JERUSALÉM**

#### **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Se ao estender a mão na direção do diferente, em credo ou ideologia, para ajudar ou ser ajudado, e a recíproca, em contrapartida, for rejeitada, como reagir?
2. Se alguém diz que o Cristo é mau, o que cabe ser respondido?

#### **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como me pautar, diante da polémica ou dissensão, visando a harmonia da meditação?

#### **130.1 Introdução: Uma adversidade a caminho de Jerusalém.**

Conforme já constatamos, apesar de Jesus ter dito que não iria à Festa dos Tabernáculos, ele acabou por subir à Jerusalém nesta ocasião. Na passagem ora abordada, o encontraremos a caminho. Sua negativa, ainda assim, foi verdadeira, porque sua ida ao Templo não será para tomar parte nos festejos da tradicional celebração. Não que fosse contra ela, no entanto seu momento exigia iniciativas diferentes. Entre elas, contarão curas e ensinamentos.

Além disso, sua subida não deveria ser alardeada para que não chamasse atenção sobre si, já que acirrara o movimento de perseguição. Precisava se preservar porque, em sintonia com os planos espirituais, não chegara o tempo de sua captura e julgamento.

Escolhe a estrada que passa por Samaria porque além de ser a de menor distância, ficaria, nela, mais resguardado das multidões. Escolhe também, na região, aldeia diferente de uma já conhecida, quando busca abrigo noturno. A aldeia conhecida é aquela próxima do Poço de Jacó, no Monte Cezarin, onde, há mais de um ano desenvolveu diálogo memorável com *a mulher de seis maridos*. Provavelmente não



*Por uma cultura de paz*

queria realizar agora, enquanto viajava, outro pequeno ministério na Samaria, como, por veementes pedidos, cedeu no passado para os *não-filhos* de Israel.

É noutra aldeia samaritana, por conta de uma recusa sofrida por seus mensageiros, que Jesus lega para a cristandade, lição importantíssima. Torna-se o mote da atual Meditação Cristã, descrito em cinco versículos de Lucas.

João preferiu não relatar este episódio apesar de o ter protagonizado junto com Tiago. Mas através de três versículos de João, tomaremos conhecimento que, em Jerusalém, sua presença estava sendo bastante cogitada como importante evento das celebrações. Parte estava a seu favor e outra, junto com as autoridades do clero, contra.

Assim, o evangelista médico narra um episódio da viagem, enquanto o apóstolo querido elucida o ambiente de divisão da Capital, centrado na figura ímpar de Jesus.

### 130.2 Evangelho-parte 1: Os mensageiros de Jesus não conseguem pousada com os samaritanos (Lc)

Lucas 9:52-53
52. E enviou mensageiros diante de sua pessoa. Indo, entraram eles numa aldeia dos samaritanos para preparar (pousada) para ele,
53. mas não o receberam porque sua aparência era a de quem ia para Jerusalém.

1. E adiante de si, enviou mensageiros. 2. Mas não o receberam porque aparentavam ir Entraram numa aldeia de samaritanos para preparar pousada para ele. para Jerusalém.

### 130.3 Evangelho-parte 2: Jesus recusa a proposta de Tiago e João. (Jo)

Lucas 9:54-56
54. Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para consumi-los, como fez Elias"?
55. Mas voltando-se para eles, repreendeu-os e disse: "Não sabeis de que Espírito sois, O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar almas".
56. E foram para outra aldeia.

3. Sabendo disso, os discípulos Tiago e João, propuseram: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para consumi-los, como fez Elias"? 4. Voltando-se para eles, disse: "não sabeis de que Espírito sois. O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar almas". 5. Seguiram para outra aldeia.



*Por uma cultura de paz*

#### 130.4 Evangelho-parte 3: Nos portais do Templo. (Jo)

João 7:11-13
11. Os judeus, então, procuravam-no na festa e perguntavam: "onde está ele"?
12. E grande murmuração havia a respeito dele entre as multidões. Uns diziam: "Ele é bom". Diziam outros; "Não, antes engana o povo".
13. Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus.

6. Em Jerusalém, os judeus na festa procuravam-no e perguntavam: "onde está ele"?

8. Enquanto uns diziam, "ele é bom", outros se opunham, "ele engana o povo".

7. Grande murmuração, a seu respeito, havia na multidão, porém na surdina, por medo dos judeus.

#### 130.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

**1. Se ao estender a mão na direção do diferente, em credo ou ideologia, para ajudar ou ser ajudado, e a recíproca, em contrapartida, for rejeitada, como reagir?**

Na passagem situada, Jesus peregrina e pede ajuda. Por este detalhe, o episódio é digno de nota – o grande dispensador da vida, no planeta, pede ajuda, pede algo para si. E não é a primeira vez.

Quando o Cristo resolve fazer morada entre nós – com a nobre missão de nos salvar – se sujeita as imposições da matéria e da natureza do planeta. É certo também que, por conta da sua condição especial de pureza, lidará de forma diferente com tais limitações, conseguindo contornar certos estorvos que nós não conseguimos. Por exemplo, não precisava de tanto alimento físico e nem da mesma quantidade de sono que nós, reles mortais carecemos. Mas, em parte, pelo menos, precisava se submeter a tais injunções, e se submetia. Por isso, atravessando a Samaria, ele e mais a pequena comitiva que o acompanhava precisavam de abrigo para o repouso noturno.

Permanece na estrada principal, enquanto alguns designados adentram a aldeia para solicitar pousada. Quando retornam com a negativa, Jesus os recebe. Mais atrás, ouvindo tal adversidade, João e Tiago, os já chamados, pelo próprio Cristo, de "filhos do trovão", colocam-se subitamente de pé, já sugerindo reação de natureza violenta. Lembraram-se do grande profeta Elias que enfrentou os cavaleiros do rei Acázias, ali mesmo na Samaria, consumindo-os, com o fogo dos céus. Mas este foi Elias e não, o



### *Por uma cultura de paz*

Cristo. Profeta notável, no entanto, um pequeno no reino dos céus. Já explicara Jesus que Elias fora uma encarnação missionária anterior de João Batista, e este, apesar de o maior dos “nascidos de mulher”, no Reino, ainda não era destaque. Aquele era o mandado de Elias. Se o Cristo não faria investidas, nem mesmo verbal, para se defender dos ataques sofridos em casuístico julgamento, quanto mais este tipo de expediente, simplesmente para fomentar a já divisão entre judeus e samaritanos. Destruir pessoas por lhe negarem um leito para descanso? Jamais. Não estava em jogo qualquer afronta ou desfeita, conforme enxergaram os egos infantis. Já havia ensinado, na primeira peregrinação dos apóstolos: “Ao entrardes na casa, saudai-a. Se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas se o não for, torne para vós vossa paz. E se alguém vos não receber nem ouvir vossas palavras ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés” (Mt 10: 10-14).

Portanto, era totalmente impertinente a sugestão dos filhos do trovão (e da guerra). Sofreia-os Jesus, com poderosa frase: “não sabeis de que Espírito sois”. Ou seja, um firme pacto de ligação com o Cristo já fora celebrado. Não podiam pertencer à falange de Elias, ou de algum outro líder menor. Se eram do Cristo, sua palavra deveria se coadunar a estirpe do Reino. “O Filho do Homem, ao qual estais ligados, não veio empurrar para a perdição os que estão à beira do caminho, mas para salvá-los. Quem estiver pronto ouvirá sua voz.”.

A lição é para nós. Estamos na condição dos mensageiros, dos samaritanos, ou dos espíritos-trovão? Saímos em peregrinação, ou acaso, estamos negando água, comida e pouso ao Cristo, àqueles que vêm em seu nome? Pois, disse: “quem quer que receba uma criancinha assim em meu nome, a mim me recebe; e quem quer que me receba, não recebe a mim, mas aquele que me enviou”(Lc, 9:37 – MC-124). Ou estamos reagindo com violência à simples negativa daquilo que pedimos, ou pior, contra aqueles que contrariam nosso ponto de vista ou fazem pouco da nossa ideologia? Temos riscado do mapa os que pensam diferente, mesmo tendo a vida os colocados no recinto do nosso lar? Como a dizer: “vê se agora, em regime de intimidade diária, sustentado pelos sagrados laços da família, reconcilia-te com o adversário! Porque se não aproveitares a ocasião para apaziguar tuas relações pessoais, de que vale ires ao templo orar? Teu coração não estará livre para escutar Deus e, assim, a comunhão com ele, faz-se inviável”.

Então, estendendo a mão para ajudar ou ser ajudado, frente àquele que nos nega, pacifiquemos nosso coração, porque a vida está a nos oferecer maravilhosa oportunidade de domar nossas emoções selvagens. Saibamos agradecer o que recebemos, mas também aquilo que nos é legado, pois Deus utiliza os caminhos tortuosos em nosso benefício, algo que ficará claro mais tarde, quando o nevoeiro passar. Pode estar sendo oferecida a grande chance de exercitar o preenchimento do coração com as virtudes da Boa Nova, ou seja, a de conquistar a verdadeira felicidade.



*Por uma cultura de paz*

## **2. Se alguém diz que o Cristo é mau, o que cabe ser respondido?**

Se já encontramos o Cristo para fazer a travessia por este vale de lágrimas e o escolhemos como Mestre para ser o leme e o farol nas borrascas e encruzilhadas, é possível que isto seja evento datado. Antes, o que fazíamos? Fomos logo um simpatizante seu? E antes bem antes, digo noutras encarnações, já que a trajetória do Espírito não se limita àquilo que a memória atual alcança? Se hoje o Mestre é querido, amado, como nos dirigimos a ele, no passado, em atos, palavras e pensamentos? Se não temos condição de dar tal resposta, é bom nos acautelarmos mediante o impulso de julgar aquele que o nega ou, até mesmo, o ataca.

Somos nós capazes de assumir, invariavelmente, atitudes em consonância com a confissão de fé, proferida pelos lábios? Esta é a condição do verdadeiro apóstolo. Os demais fazem projetos de vir a ser. Por isso, toda parcimônia é bem-vinda na hora do julgamento e da reação ao conhecido, amigo ou familiar que diz: “seu Cristo não vale nada; suas teses são ultrapassadas; é ingenuidade admitir que o seu culto seja suficiente para mudar o mundo”. Podemos escutar isto, até mesmo depois de ter escolhido a espiritualidade engajada. Aquela que entende ser preciso vivenciar a fé, no calor das relações humanas e não, apenas, na hora do recolhimento para oração, quando nos isolamos para melhor conversar com Deus. E pode até ser que tendo escolhido tal proceder, o outro nos flagre no oposto dele, num instante de não-vigilância, cometendo atos que nós mesmos reprovamos. Ocorre que a mudança nasce nas decisões mentais, mas até que assumam a envergadura do testemunho vai uma grande distância. Precisamos ter paciência conosco e tolerância com o outro.

Assim, cara é a iniciativa de coibir o julgamento apressado sobre aquele que desonra, ou pensa desonrar, nosso Mestre. Se já entendemos com precisão, ou próximo disto, o perfeito encaminhamento que o Cristo estabeleceu para fundar o reino de amor na face da Terra, somos capazes de relevar provocações desse jaez. Isto é, se já entendemos que sua doutrina é a única capaz de estabelecer a justiça nas relações sociais, familiares e pessoais e, portanto, consubstanciar o estado de direito plasmado pelos sistemas dos grandes idealizadores. Não estou menosprezando as diferentes escolas religiosas do planeta, nem os pensadores que constroem propostas audaciosas para o bem-estar social. Quero apenas dizer que o Cristo é a condição do filho de Deus que atingiu a culminância evolutiva, e no nosso âmago todos o somos em potencial. Embora, arestas carecem de burilamento para que seu brilho seja genuíno. E ainda, que todas as premissas de qualquer ideologia política ou social que promova, de fato, justiça e equanimidade, apresentará afinidades com o discurso do querido nazareno. Uma análise adequada mostrará que todo o avanço nas nossas instituições sociais, nos últimos dois milênios, foi realizado em consonância ou sob a inspiração do novo código sustentado pelo Evangelho do Senhor. Quando não, estará fadado a correções num futuro próximo ou mediato para que continue prevalecendo, de acordo com a emergências das novas conclamações. Por mais de vanguarda sejam, afinados com o



*Por uma cultura de paz*

espírito moderno, ou até pós-moderno, deverão capitular se não detiverem tal sintonia. Algumas, apressadas ou atalhadas, precisarão passar por reformas, dada a sua miopia ou distonia.

Por isto, quando testemunharmos julgamentos equivocados sobre o Cristo, tal como alguns judeus, no templo, arbitraram, “antes ele engana o povo”, sejamos compassivos. Não combatamos aqueles que pensam diferente de nós. É muito mais proveitoso procurarmos pelos que são receptivos, para nos irmanarmos no trabalho coletivo, ou por aqueles que sofrem. Estes, na medida em que são ajudados, não questionarão nossa ideologia ante o auxílio recebido. Ficarão gratos porque esta é a nossa natureza: gostar daqueles que nos tratam bem, dos que pensam nossas feridas, e dividem conosco o peso do fardo. Esta é a credencial de aproximação do cristão operoso.

Se há abertura naquele que ataca o Cristo para o diálogo coerente e, caso, eu tenha desenvolvido argumentos consistentes para a defesa racional da minha fé, então, me caberá falar. “Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa (Mt, 5:15). No caso de o interlocutor possuir discurso articulado impenetrável, não devo acirrar o diálogo em disputa apaixonada de convencimento. Será que, assim, eu não esteja querendo convencer mais a mim mesmo. Tantas vezes, o silêncio é o melhor recurso, como procedeu o próprio Jesus.

#### **130.6 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

##### **3. Como me pautar, diante da polêmica ou dissensão, visando a harmonia da meditação?**

Quando sento para a prática da meditação, meu objetivo principal é sintonizar o veio que me conduz ao estado meditativo. Ele é implícito invariavelmente a cada ato de consciência. Está presente, mas oculto, em latência. Aguarda algum chamado. Para alavanca-lo, preciso do leme poderoso da vontade. Não é desejo túbio, mas firme, resolutivo, convicto. Nos arraiais da seara cristã, denomina-se fé. Escutei-te, tantas vezes, Mestre da vida, dizeres: “vá, tua fé te curou. Siga e não volte a pecar”. Preciosa lição. Cura é libertação, estado de liberdade pronto para a iluminação. E para acontecer é necessário fé. Não é fé dos lábios, de intenção, mas assentada no íntimo do coração e desenvolvida na mente. Com fé, isto é, com a determinada e soberana vontade, acesso este escaninho na consciência, que a princípio é minúsculo canal, presença pontual, a porta estreita mesmo. Mas em seguida, manancial inesgotável de paz. Dali promanam misericórdia e bondade, resignação e paciência.

Se a fé cura, retira qualquer um de nós da esfera do sofrimento e da sofreguidão, é porque promove mudança significativa nos refolhos da alma.



### *Por uma cultura de paz*

Para alcançar este oásis de bem-aventurança, preciso de fé, mas não só. Careço de harmonia, de uma plataforma a ser construída com os atos do dia, com os sentimentos resultantes dos vários encontros que a relação interpessoal me faculta. É necessário que eu saiba transformar irritação em tolerância, raiva em assertividade, ressentimento em perdão. Tudo isso, encarando cada troca como oportunidade de calibrar minha mente numa frequência de vibração pura e, portanto, saudável. São valiosas as condições para educar minha criança, que quando ferida, de inopino, grita por justiça, pede retratação e indaga sobre a falta de sensibilidade do outro.

Se preciso de harmonia para falar com Deus, para receber dele meu cotidiano quinhão, preciso, ao meu turno, bem me preparar para o seletivo encontro. Se assim é, porque me alterar com o companheiro incauto que sussurra blasfêmias, ou me comprometer com o familiar que despreza meus valores, e, ainda, me indispor com o colega que ataca minha suposta honra. Se ele não se deu ao trabalho de buscar o que, em diuturno esforço, encontrei, porque me ofender com sua superficialidade. Ou se ele dedica a outros campos do conhecimento ou da cultura, porque cobrar afinidade de opiniões e aparência na conduta. Cada qual tem seu valor pessoal pelos investimentos sinceros que realiza, pelos nobres sentimentos que alimenta, mesmo que vacile aqui ou destoe alhures.

Se não me aborreço com ele pelas ideias que nutre, pelas afirmações que pronuncia, mesmo quando me atinge, diminuo em importância egoica e não me deixo contaminar pela intensidade do confronto. Isto é o cultivo da harmonia interior, resultado da orientação que me proponho para atravessar cada dia e chegar na minha meditação em condição satisfatória e compatível com o seu objetivo. Se a proposta ainda não é de todo eficaz, faz parte da sua exortação: “vá e não peques mais. Segue e te afastes do desequilíbrio emocional”. Assim, me preparo te encontrar, venerável Mestre.

#### **130.7 Versículo(s) para a meditação:** Lucas 9:55

55. Mas voltando-se para eles, repreendeu-os e disse: "Não sabeis de que Espírito sois, O Filho do Homem não veio para perder, mas para salvar almas".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 131 – paragem 311 – 19.03.17  
JOÃO 7:14-24